

NAVEGANDO NAS ONDAS – VIRTUAIS OU NÃO – DA LEITURA

*Simone Maria Bacellar Moreira (UERJ)*¹⁸

Leite, leitura
letras, literatura,
tudo o que passa,
tudo o que dura
tudo o que duramente passa
tudo o que passageiramente dura
tudo, tudo, tudo
não passa de caricatura
de você, minha amargura
de ver que viver não tem cura

Paulo Leminski

RESUMO

A história moderna parece indicar que as novas tecnologias vêm para desestabilizar esse império da cultura de papel, marcando também uma revolução na nossa forma de ler. O século XXI começou sob o impacto da velocidade com que ocorrem os avanços tecnológicos. Desde o século passado, marcantes progressos nos meios de comunicação se fazem visíveis, deslocando o livro de seu papel principal – até então considerado como suporte maior de informação – para preservar e difundir a cultura de uma determinada comunidade. A disseminação das tecnologias da informação e da comunicação, em todos os campos da vida social, tem nos levado a questionar novas maneiras de interagir e de nos relacionarmos com o mundo. Como toda inovação tecnológica, a revolução digital traz seus riscos, juntamente com seu poderoso poder de transformação, o que nos leva a enfrentar um desafio adicional: envolver-se na tomada de consciência da internet como instrumento de expressão do pensamento e do conhecimento.

Palavras-chave: Navegar. Tecnologia. Velocidade. Revolução digital.

¹⁸ Professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, é doutora em letras pela Universidade Federal Fluminense. simonembmoreira@gmail.com

1. Introdução

Segundo Roger Chartier, a história do livro está atrelada à história da leitura. A configuração do livro impõe um uso, uma ordem, uma forma de leitura. Deste modo, a cada mudança que ocorre na forma do livro, registramos também alterações na forma de leitura.

Os gestos mudam segundo o tempo e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. (CHARTIER, 1999, p. 77)

O ato de ler não foi o mesmo ao longo dos tempos da humanidade e dos espaços em que se dava. Se não é homogêneo, também não é um consenso geral seu próprio conceito entre as pessoas. Podemos conceber a leitura de uma fórmula matemática, de uma pintura, de uma fotografia ou de uma escultura, assim como a de uma poesia ou de um romance.

O certo é que o ato de ler é definido de acordo com a relação estabelecida entre o leitor e os textos em seus diferentes suportes:

Au cours de la lecture se produit un travail de transformation du texte qui se réalise par la mise en oeuvre de certaines facultés humaines. Il s'ensuit un effect du texte qui ne peut être étudié ni dans le texte seul ni dans le seul comportement du lecteur; le texte est un potentiel d'action que le procès de la lecture actualise. (ISER, 1976, p. 13)

Ler não é somente uma atividade abstrata e intelectual, pois, nesse ato, o corpo desempenha papel importante. A história da cultura e dos livros tem mostrado que a cada mudança de suporte do livro, outras ocorrem nos gestos e hábitos da leitura. Atualmente, nossa compreensão de leitura de um texto escrito, seja literário ou não, é sempre acompanhada do imaginário de um leitor compenetrado, tendo em suas mãos um livro de códex, normalmente feito por uma atividade silenciosa.

Entretanto, nem sempre essa maneira de imaginar o leitor foi vista como um teorema, ou seja, como uma verdade absoluta, neste contexto. Essa imagem de um leitor isolado, mergulhado no mundo fictício do livro, é recente, se compararmos à própria história da leitura. Essa prática foi sofrendo modificações com o passar dos tempos. No século V a.C., o leitor lia em voz alta, desenrolando com uma das mãos o rolo de papiro e, com a outra, enrolando o texto já lido. As palavras não eram separadas, as frases eram dispostas na folha de maneira contínua. Não se distinguia a letra maiúscula da minúscula, nem se utilizava pontuação. A pontuação é atribuída a Bizâncio:

Até boa parte da Idade Média, os escritores supunham que seus leitores iriam escutar, em vez de simplesmente ver o texto, tal como eles pronunciavam em voz alta as palavras à medida que as compunham. (MANGUEL, 2006, p. 63)

2. Os variados modos de ler ao longo do tempo

Em seu livro *História da Leitura no Mundo Ocidental*, Guglielmo Cavallo e Roger Chartier (1999, p. 26) estudam as “revoluções” causadas pela leitura, destacando as três mais importantes, para eles, em toda essa trajetória.

A primeira “revolução da leitura” na Idade Moderna seria a passagem da leitura oral para a silenciosa. Para os historiadores, essa mudança é mais importante do que a própria técnica de produção, ocorrida no século XV com a invenção da prensa. Essa mudança torna a leitura mais “secreta, interior, rápida e ágil”: “Agora o leitor tinha tempo para considerar e reconsiderar as preciosas palavras cujos sons – ele sabia agora – poderiam ecoar tanto dentro como fora.” (MANGUEL, 2006, p. 68)

Observe como esse tipo de leitura impressiona, causando admiração e estranhamento em Santo Agostinho, ao se de-

parar com a cena de um leitor, Ambrosio, no século V, nesse ato tão pouco comum para época:

Quando ele lia seus olhos perscrutavam a página e seu coração buscava o sentido, mas sua voz ficava em silêncio e sua língua quieta. Qualquer um podia aproximar-se dele livremente, e em geral, os convidados não eram anunciados; assim, com frequência, quando chegávamos para visitá-lo nós o encontrávamos lendo em silêncio, pois jamais lia em voz alta. (*Idem*, p. 58)

A leitura feita em voz alta exercia dupla função: informar sobre aquilo que estava escrito àqueles que não sabiam lê-lo e, ao mesmo tempo, socializar os indivíduos em torno dos livros, seja na intimidade familiar, seja na convivência letrada. A partir do século XVIII, com a consolidação da leitura silenciosa, cria-se uma relação maior de intimidade do leitor com o livro. O ato de leitura passa a ser silencioso e individual. Observaremos na representação da leitura, por exemplo, por meio da pintura, um ato íntimo. O hábito da leitura silenciosa parece ter acarretado até mesmo a publicação de mais obras heréticas e até mesmo pornográficas, já que não se podia mais monitorar o que o leitor estava lendo.

A segunda revolução teria ocorrido na segunda metade do século XVIII: a mudança da leitura intensiva para a extensiva. Na verdade, essa mudança só foi possível graças à industrialização da fabricação do livro. Fato esse que permitiu um aumento considerável na circulação do texto impresso. O leitor intensivo seria aquele que interage com um número pequeno de livros, lidos e relidos, transmitidos de geração a geração. Diferentemente do leitor extensivo, que tem obsessão pela leitura: ele é um devorador de textos impressos, exatamente como ocorre hoje, quando a leitura de um número grande de livros é valorizada. É claro que esse tipo de leitura seria inviável antes do advento da imprensa, tendo em vista a quantidade reduzida de cópias de livros. Fato este que levava o leitor a reler, por várias vezes, o mesmo livro.

Basta analisar a recepção, na época, do romance *La nouvelle Héloïse* de Jean-Jacques Rousseau, um dos maiores best-sellers do século XVIII, quando a demanda superava a oferta. Relatos da época, analisados por Robert Darnton (1986), mostram que leitores alugavam o livro por dias, até mesmo, por horas. Esse gênero literário atinge atualmente um número muito pequeno de leitores, principalmente um romance epistolar composto de seis volumes sem nenhuma trama, violência, sexo. Entretanto, seus leitores se sentiam impetuosamente envolvidos emocionalmente pelo romance. Senhoras liam com portas fechadas, para poderem chorar à vontade. Os leitores de Jean-Jacques Rousseau são exemplos daqueles que faziam uma leitura, tanto intensiva, quanto extensivamente, ou seja, consumindo grande quantidade de artigos impressos, como jornais, romances, folhetos, lidos o mais rapidamente possível, sem, entretanto, aprofundá-los. Sírío Possenti (2009, p. 178) descreve esse leitor extensivo como o da internet, ao navegar pelos inúmeros hipertextos:

[O leitor de hipertextos] analisa livros, se encanta aqui com uma figura na capa e ali com o acabamento do livro, depois vai à estante de sua preferência e começa a ler orelhas e a verificar preços para, em seguida, lamentar seus baixos rendimentos e o pouco tempo de que dispõe. No meio do caminho, faz muxoxos diante de algumas estantes, sejam elas as que expõem livros de autoajuda, sempre muito povoadas, sejam as de linguística ou psicanálise, coisas que não leu e não gostou. Alternativamente, esse leitor lembra o adepto da leitura dinâmica. [...]

Poderíamos definir o perfil do leitor do livro impresso como o leitor de “leitura individual, solitária, de foro privado, silenciosa, leitura de numerosos textos, lidos com uma relação de intimidade, silenciosa e individualmente” (SANTAELLA, 2007, p. 23). Enfim, a leitura do livro “é essencialmente contemplação e ruminação, leitura que pode voltar às páginas, repetidas vezes, que pode ser suspensa imaginativamente para a meditação de um leitor solitário e concentrado” (*Idem, ibidem*,

p. 26). Em contrapartida, observamos o perfil no novo leitor da tela de computador, o navegador:

[...] não é um leitor que segue as páginas de um texto, virando páginas, manuseando volumes, percorrendo com passos lentos a biblioteca, mas um leitor em estado de prontidão, conectando entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeos etc. (*Idem, ibidem*, p. 33)

Aliás, esse tipo de perfil de leitores é muito próximo ao dos *zapeadores*, nome dado às pessoas que não conseguem se fixar na programação de um único canal de televisão e mudam constantemente. O fato é: esse comportamento gera uma leitura fragmentada de diversos programas, sem envolvimento prolongado em um só.

Nessas duas revoluções, notamos uma mudança no ato de leitura. Já na terceira, há uma modificação maior em relação às demais: não existem mais folhas, encadernações no livro, o suporte material do livro sofre uma alteração profunda. A transmissão eletrônica dos textos e as maneiras de ler originadas a partir dessa modalidade de suporte tornam incontestável essa última revolução:

A revolução do nosso presente é, com toda certeza, mais que a de Gutenberg. Ela não modifica apenas a técnica de reprodução do texto, mas também as próprias estruturas e formas do suporte que o comunica a seus leitores. O livro impresso tem sido, até hoje, o herdeiro do manuscrito: quanto à organização em cadernos, à hierarquia dos formatos, do livro do banco ao *libellus*; quanto, também, aos subsídios à leitura: concordâncias, índices, sumários etc. Com o monitor, que vem substituir o códice, a mudança é mais radical, posto que são os modos de organização, de estruturação, de consulta do suporte do escrito que se acham modificados. (CHARTIER, 1994)

Assim, o que se presencia nessa atual revolução é uma profunda mudança, não apenas na reprodução do texto, como

foi no caso da invenção da imprensa, mas também nas estruturas e no suporte físico.

Ora, com o aparecimento e a crescente receptividade do texto eletrônico, destacam-se diversas alterações na relação livro/leitor e livro/produtor. Há de se pensar nas novas relações de continuidade que deixam de existir e no texto digital (aparentemente o texto original a ser lido) que passa a se constituir de fragmentos unidos por links (hipertextos), assim como na impossível compreensão da totalidade do livro eletrônico, pois a leitura passa, então, a ser uma “navegação” entre fragmentos. Estas alterações nos fazem refletir, ou redefinir, as novas formas de leitura e de escrita, bem como as novas técnicas de concepção do texto e do livro. Outras perguntas não menos importantes se juntam a estas, como as questões jurídicas (a propriedade literária; os direitos de autor; o *copyright*) e o próprio conceito de biblioteca.

A evolução do livro acontece alheia à nossa vontade. Os escritores continuam publicando em editoras da cultura de papel e digital, as editoras festejam o crescente número de exemplares vendidos, os leitores continuam lendo romances, contos, crônicas, indiferentemente do suporte material.

Deve-se pensar na multiplicidade como um fator incluído, nunca excluído. As tecnologias complementam-se e se compõem. Olhando à nossa volta, vemos leitores que não abrem mão do livro de papel, que necessitam ler com vários sentidos: o olfato (sentido o cheiro característico do livro de papel), o visual (se deliciando com as refinadas ilustrações da capa), o tato (apreciando a textura das folhas). Outros são defensores e entusiastas da tecnologia dos *ebooks*. Estes são seduzidos pela possibilidade de, em apenas um aparelho, ler várias obras literárias. Já outros, sentem-se atraídos por seu aparelho *iPad* ou pelo audiolivro, capaz de reproduzir oralmente livros inteiros. Não importa o suporte que escolheram, todos –

cada um à sua maneira – têm algo em comum: a atração pela leitura.

Se o livro vai desaparecer ou não, só o tempo dirá. O certo é que, ao longo da história, o livro assumiu vários corpos, sempre como o resultado de um aperfeiçoamento da técnica da escritura. Aliás, parece que se continua a confundir o conceito do suporte textual com o do próprio texto; o livro nunca morreu. Seu suporte, sim, sempre se transformou. O que o nosso tempo indica, com todo o desenvolvimento do aparato tecnológico, é que o homem persistirá, de todas as maneiras, na tarefa de inventar e de reinventar um mecanismo para dar sólida permanência ao seu pensamento e às invenções de sua criatividade.

E a história do livro continua...

3. *Nos labirintos do hipertexto*

Toda a revolução da tecnologia e da comunicação presente no cotidiano atualmente não é resultado de mudanças instauradas a partir do nosso século com o uso crescente dos computadores pessoais, mas sim a culminância de uma evolução tecnológica originada em tempos remotos. Tudo o que se vive hoje é parte de uma etapa da evolução que começou com a substituição de materiais do suporte, do barro, passando ao papiro, ao pergaminho, ao papel, até chegar à tela de cristal líquido.

Para fixar o texto nesses suportes, houve um desenvolvimento das ferramentas, do estilete, passando à pena de ganso, à caneta, à máquina de escrever, à imprensa tipográfica, à máquina fotocopadora e, finalmente, no século passado, ao computador. Os suportes de texto também sofreram evoluções, como do rolo de papiro passando ao códex, ao livro impresso, ao disquete e, hoje, ao *CD-ROM*, ao *pendrive*, a *homepage* e ao *website* na *internet*. Provavelmente, o que torna nosso tem-

po singular é o fato de a revolução atual modificar, simultaneamente, a técnica de reprodução, as estruturas e o suporte físico textual. No caso da revolução da imprensa, no século XV, por exemplo, apenas a forma de reprodução do texto foi alterada, a estrutura do códex e o suporte papel se mantiveram.

A originalidade – talvez inquietante – de nosso presente vem do fato de as diferentes revoluções da cultura escrita, que no passado haviam sido separadas, se desenrolarem simultaneamente. As revoluções do texto eletrônico são, de fato, ao mesmo tempo, uma revolução da técnica de produção dos textos, uma revolução do suporte escrito e uma revolução das práticas de leitura. (CHARTIER, 2002, p. 113)

Vimos que a cada mudança de tecnologia se alteram as relações com o mundo, com os conhecimentos, com o saber, com a escritura e com a leitura. Em outras palavras, todas as mudanças de ferramentas, de suportes ou de dispositivos implicam, necessariamente, alterações no processo de escrita e, conseqüentemente, na forma de organização do pensamento. Não se escreve e nem se pensa da mesma forma um texto escrito à mão, à máquina de escrever tradicional ou elétrica ou com o uso do computador.

Ao se escrever, por exemplo, este texto nos suportes atuais, nota-se que o percurso não é mais o mesmo daquele que seria traçado algumas décadas atrás. O texto não será redigido totalmente nas mídias de papel, apesar de todos os membros da banca examinadora terem lido o texto nesse suporte de papel. Provavelmente, essa leitura mudará daqui a alguns anos, com todos lendo em tela de cristal líquido ou no computador, no *ebook*, no *iPad* ou no *Smartphone*. A produção de texto mudou. Esta pesquisa foi digitada, várias informações foram pesquisadas em dicionários eletrônicos, em sites, arquivos ou artigos escritos por pesquisadores de prestigiosas instituições nacionais e internacionais. Executar algumas dessas tarefas poderia levar dias, até meses. Hoje, ficou mais simples, neces-

sitando apenas algumas clicadas em ícones selecionados com auxílio do *mouse*.

Depois de escrito, este texto foi relido algumas vezes e suas primeiras revisões foram feitas na própria mídia digital. Até esse momento, o texto só existia virtualmente, gravado digitalmente no disco rígido de um *notebook* ou em um *pendrive*. Não existia materialmente. Quando foi impresso pela primeira vez, já estava quase pronto, com seu formato definitivo, atual. Nesse momento, algumas anotações puderam ser feitas no papel, utilizando ferramentas como o lápis e a caneta; assim, misturando-se técnicas antigas e novas. Com o texto eletrônico, o escritor pode submeter o mesmo a múltiplas operações que não eram possíveis no suporte de papel, opções próprias e específicas que estão disponíveis nesse novo sistema. Aumentam as formas de comunicação e de interação possibilitadas por essas novas tecnologias. Por meio da hipermídia, é possível ler textos escritos ou visuais, bem como assistir a vídeos sem a necessidade de utilizar várias mídias diferentes. O que torna a internet um ambiente singular e, ao mesmo tempo, popular no ciberespaço é sua natureza de complexos hipertextos, facilitada por essa interatividade digital. Ao entrar no ciberespaço, o leitor passa da leitura de um texto impresso para um visual e, até mesmo, para um audiovisual. O leitor agora tem a habilidade de leitura hipermidiática, sua sensibilidade necessita ser mais aguçada por todos esses estímulos.

A escrita é mediada pelo computador e por inúmeras ferramentas, desta forma, por variadas ferramentas como o *mouse*, o microfone, o escâner, os ícones com efeitos visuais e sonoros, todos estes conectados à internet, possibilitando uma escrita mais fluida e imaterial. Nessa perspectiva, pode-se dizer que o espaço virtual permite ao usuário modificar como desejar o seu texto: corrigir, cortar e colar, limpar, inserir, editar, formatar, movimentar elementos, sem deixar marcas no suporte dessas mudanças, como ocorria anteriormente com o

papel. O registro do processo de escrita, tão importante para algumas disciplinas de crítica literária, torna-se mais opaco, ou mesmo, muitas vezes impossível de ser determinado e recuperado.

Entretanto, algo se torna mais relevante: ao transitar em vários espaços virtuais no ato de escrita, o escritor aproxima ainda mais duas atividades, a leitura e a escrita. Ler e escrever se tornam praticamente etapas de um mesmo processo. O novo escritor que escreve no meio digital e que tem acesso à internet mantém um processo de escrita fragmentado e diversificado, ao poder se conectar para tirar dúvidas quanto ao vocabulário, à ortografia, a conceitos: “com uma tal rapidez de acesso, é tão fácil saltar de uma página para outra, tanto da primeira quanto à última, de uma página de um documento para uma página em qualquer outro documento”. (SANTAELLA, p. 2008, p. 94)

É claro que esse modo de leitura também pode ser considerado como um reflexo da maneira de se agir na sociedade, de se relacionar e de se comunicar com o semelhante. Não é necessário entrar na internet para se imergir num mundo hipertextual. Com a disseminação do uso das tecnologias de informática, assistimos a nossas atividades quotidianas serem diariamente incorporadas ao computador. Fazemos compras de livros e/ou de produtos eletrônicos, pagamos contas, fazemos transações bancárias, namoramos, tudo pelo computador. Não é de se espantar que práticas como escutar música, assistir a filmes e ler livros também sejam adaptadas a esse contexto.

Muitas pessoas, principalmente jovens, vêm substituindo atividades do mundo real, como praticar esportes, dormir, ler e até mesmo sair com amigos, para ficarem horas navegando pela internet. Estamos diante de um novo leitor, o leitor-navegador, que, frente a uma infinidade de links disponibilizados na internet, escolhe seu próprio caminho no mundo virtual, instaurando outros paradigmas nas relações entre autores, tex-

tos e leitores. É a tecnologia alterando nossa relação com o texto, com a literatura, com o mundo.

O mundo moderno é totalmente midiático, por exemplo, na vida cotidiana, ao se confrontar, desde o despertar, com o som do rádio e, ao mesmo tempo, no café da manhã, ao ligar a televisão e abrir o jornal para ler as notícias. De repente, toca o telefone e se vai atender. Assim, o indivíduo enfrenta, logo nas primeiras horas do dia, um labirinto textual.

O conjunto de mensagens e das representações que circulam em uma sociedade pode ser considerado como um grande hipertexto móvel, labiríntico, com cem formatos, mil vias e canais. Os membros da mesma cidade compartilham grande número de elementos e conexões da megarede comum. (LÉVY, 2006, p. 185)

Dessa forma, desde que saímos de casa, até retornarmos à noite, somos submetidos a um jogo de leitura e obrigados a fazer inferências e relações com todos os textos apresentados para a compreensão do mundo:

Trabalhar, viver, conversar fraternalmente com outros seres, cruzar um pouco por sua história, isto significa, entre outras coisas, construir uma bagagem de referências e associações comuns, uma rede hipertextual unificada, um contexto compartilhado, capaz de diminuir os riscos de incompreensão. (LÉVY, 2006, p. 132)

Ou ainda, na própria maneira de ser e de estar no mundo:

As coisas não estão no mundo da maneira como as dizemos aos outros. A maneira como nós dizemos aos outros as coisas é decorrência de nossa atuação intersubjetiva sobre o mundo e da inserção sociocognitiva no mundo em que vivemos. (MARCUSCHI, 2007, p. 126)

Cumpramos observar que essa característica da leitura hipertextual, fragmentada e descontínua, já poderia ser observada em textos escritos, com maior evidência nos jornais impres-

dos do século XIX. Com a invenção do telégrafo, há a possibilidade de uma maior velocidade na circulação das notícias no mundo. Com esse aparelho era possível transmitir, em questão de minutos, relatos atuais e relevantes do que acontecia em qualquer parte de nosso planeta. E com os jornais era possível divulgar essas informações para a população, com rapidez. Assim, os jornais com o formato moderno que se conhece emergiram nas sociedades nesse período, agilizando a transmissão de informação e, conseqüentemente, alterando a maneira de pensar das pessoas.

A primeira página de um jornal é um recorte de diversas notícias e de informações sobre a cidade, do país e do mundo, que poderão ser lidas mais detalhadamente em outras páginas do jornal. Ao se ler a página inicial, seleciona-se a notícia que mais interessa. Nela, há referência a outra página, na qual se encontram mais particularidades e informações sobre o assunto. Assim, saltamos dessa página para outra, sem a menor dificuldade de compreensão. Diferentemente do livro, a leitura do jornal não é linear e dificilmente o será.

Esse tipo de leitura é muito próximo do que ocorre nas “janelas” da internet. É muito difícil determinar o roteiro do leitor nesses tipos de mídias. O leitor assume certa responsabilidade ao escolher alguns caminhos e rejeitar outros. Sendo assim, a leitura hipertextual não é restrita ao meio virtual, mas se refere ao percurso fragmentado, não linear e imprevisível, no qual o leitor tem escolhas e opções de caminho. Trata-se de mais uma forma de representação das práticas de leitura e das maneiras de produção e de publicação de textos. Segundo Pi-erre Lévy:

O jornal ou revista, refugos da impressão bem como da biblioteca moderna, são particularmente bem adaptados a uma atitude de atenção flutuante, ou de interesse potencial em relação à informação. Não se trata de caçar ou de perseguir uma informação particular, mas de recolher coisas aqui e ali sem ter uma ideia preconcebida. (...) Só podemos nos dar conta realmente do

quanto a interface de um jornal ou de uma revista se encontra aperfeiçoada quando tentamos encontrar o mesmo desembarço num sobrevoo usando a tela e o teclado. (LÉVY, 2006, p. 35-36)

Pode-se pensar também nas enciclopédias e nos dicionários como textos hipertextuais. Essas obras são distribuídas em vários volumes diferentes, com diversas ferramentas de orientação. De um assunto ao outro não há uma interligação, pois eles são dispostos por ordem alfabética. Outra característica unindo esses textos é a leitura fragmentada e não-linear feita pelo leitor. Como se pode notar, esse conceito – que muitos pesquisadores atribuem como característica digital – já é percebido nos textos impressos.

Hoje, a Wikipédia possui mais de um milhão de artigos e verbetes, em dezenas de línguas, ela é considerada a maior enciclopédia do mundo, com objetivos similares à *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert como liberdade de expressão, colaboração ampla e conteúdo abrangente, formado por uma coleção de páginas de hipertexto, as quais se caracterizam por poderem ser visitadas e modificadas por qualquer um, livremente.

É uma verdadeira comunidade do conhecimento, intercontinental, transdisciplinar e autônoma. Com a Wikipédia, tem-se um exemplo extraordinário desta nova prática dialética eletrônica emergente, deste novo diálogo humano, que parece incorporar o projeto enciclopedista. Trata-se de uma escrita a várias mãos, na qual o texto é manipulado livremente por quem quer que seja, podendo ser alterado, acrescido, suprimido, manipulado do modo que melhor convier ao *wikipedista*. O texto torna-se, então, a expressão de uma verdadeira inteligência coletiva em movimento, sendo o próprio princípio da internet.

Como o leitor poderia se situar diante desse “dilúvio” de informações, essa “intotalidade”? Seguindo o raciocínio desenvolvido por Pierre Lévy, entende-se que:

todos temos necessidade, intuições, comunidades, grupos humanos, indivíduos, de construir um sentido, de criar zonas de familiaridade, de aprisionar o caos ambiente. Mas, por um lado, cada um deve reconstruir totalidades parciais à sua maneira, de acordo com seus próprios critérios de pertinência. (LÉVY, 2005, p. 161)

No texto digital, não existe mais a limitação de páginas, como se vê no livro impresso, já que, na tela de um computador, o ambiente é aberto, um lugar virtual. Enquanto que, no livro, o leitor percorre um caminho já estabelecido pelo autor do texto, na internet, ele determina seu próprio caminho, abrindo as “janelas” que lhe interessam. Não há mais necessidade de virar as páginas, pois as telas são “roladas”, procedimento próximo ao que ocorria com o livro de rolo, ou ainda, “janelas” se abrem, disponibilizando outros textos e mais “janelas” com mais textos. Sobre essa fragmentação da leitura, observam-se depoimentos de bloguistas preocupados com as consequências desse tipo de leitura direcionada para um leitor que não tem mais a paciência de ler longos textos e necessita que o escritor seja mais direto:

A maior revolução prevista para os textos “virtuais” são as várias possibilidades de se fazer milhões de hiperlinks, com imagens, fotos, sons etc. Mas corremos um sério risco de lermos não mais os textos integrais, mas adaptações virtuais de histórias. Adaptar “virtualmente” um *Coração das Trevas* (Conrad) ou *A Metamorfose* (Kafka) seria mesmo o fim dos tempos – pelo menos no que tange à literatura. (CARVALHO, 2010)

É claro que algumas características diferenciam o hipertexto impresso do virtual ou se tornam mais evidentes no meio digital, atingindo uma nova dimensão. No caso do impresso, o leitor logo toma contato com a totalidade do texto. Já o leitor do texto virtual nunca terá acesso à totalidade do texto, pois o material digital é constantemente modificado. Entretanto, nada impede que o leitor do texto impresso recorra a outros textos como livros e revistas para complementar as informações que estão sendo lidas e, dessa forma, haveria também uma imensa variedade de leituras afins. Na verdade, apesar de

uma dimensão individual, a leitura sempre se faz como diálogo, como troca de leituras de escritas anteriores que interferem direta ou indiretamente no processo de qualquer leitura:

No mundo digital, o problema do volume versus profundidade desaparece, de modo que leitores e autores podem mover-se com maior liberdade entre o geral e o específico. Na verdade, a ideia de 'querer saber mais sobre o assunto' é parte integrante da multimídia, e esta está na base da hipermídia. (NEGROPONTE, 1995, p. 71)

Sabe-se que em um livro impresso, principalmente se considerarmos o texto literário, há uma liberdade na interpretação da escrita, já que esta sempre comporta múltiplos sentidos: "o tecido literário é fino e delicado, mas não maciço: contém orifícios, mimetizando a porosidade constitutiva do papel, e por essa superfície propensa à absorção do outro penetra o leitor" (ZILBERMAN, 2001, p. 118-119). Apesar dessa liberdade na leitura, sabe-se que o leitor obedece a uma ordem linear textual no mundo ocidental: sendo um movimento do início para o fim, da primeira à última linha, da esquerda para a direita. Essa é uma particularidade da "cultura da página impressa", bastante diferente da virtual, que parece obedecer a uma leitura muito mais próxima da leitura do jornal.

Mesmo reconhecendo que toda leitura é um processo de reconstrução de sentidos, em que cada leitor pode "optar por certos sentidos a outros, tudo isso de forma a atender preferências ideológicas, pessoais ou idiossincráticas" (BELLEI, 2002, p. 48), entende-se que a leitura na internet tem uma estrutura diferente, visto que o hipertexto é:

um banco de dados dispersos, em que cada unidade de sentido já vem marcada para a conexão com outras unidades, torna natural e explícito o convite para a navegação dos saltos, que é normalmente reprimida no texto impresso. (BELLEI, 2002, p. 48)

Assim, nota-se que o hipertexto rompe o limite do papel e de seus formatos, tradicionalmente impostos pela tipografia. Passa-se de um texto a um contexto, de uma imagem a uma

música em um segundo e sempre no mesmo suporte material. Pode-se ainda dispor de outras modificações na apresentação do texto, como a possibilidade da modificação do tamanho, do formato e das cores das letras, além da superposição ou da colocação de diversos textos lado a lado e uma infinidade de outros recursos:

O computador nos oferece um espaço dilatado para a escritura, que se propaga em diversos sentidos, ‘multidimensional’, sem limites predefinidos. O simples processador de texto já permite bastante mobilidade. Dilatar um parágrafo, diminuir um capítulo, aumentar uma nota de rodapé, por exemplo, são tarefas elementares, corriqueiras. Se compararmos com a escrita em um caderno, tais procedimentos exigiriam muito mais trabalho, a ampliação dos limites do papel implica uma alteração material do espaço. (LEÃO, 2005, p. 111)

4. Concluindo

Cabe ressaltar ainda que os textos hipertextuais virtuais possuem uma profunda diferença em relação aos demais: “a pesquisa nos sumários, o uso dos instrumentos de orientação e a passagem de um a outro são feitos no computador, com grande rapidez, da ordem de alguns segundos” (LÉVY, 2005, p. 56). E ainda possuem a hipermídia – a capacidade de associar som, imagem e movimento a um texto: “a hipermídia é um desenvolvimento do hipertexto, designando a narrativa com alto grau de interconexão, a informação veiculada” (NEGROPONTE, 1995, p. 71). Assim, Pierre Lévy sintetiza de forma notável a importância das inovações tecnológicas:

[...] as grandes inovações técnicas não permitem fazer “a mesma coisa” mais rápido, com mais força ou em escala maior. Permitem, sobretudo que se faça, sinta ou organize de outra forma. Levam ao desenvolvimento de novas funções ao mesmo tempo em que nos obriga a reorganizar o sistema das funções anteriores. A problemática da substituição nos impede de pensar, receber ou fazer acontecer o qualitativamente novo, quer dizer, os

novos planos de existência virtualmente trazidos pela inovação técnica. (2005, p. 217)

Como toda inovação tecnológica, a revolução digital traz seus riscos, juntamente com seu poderoso poder de transformação, o que nos leva a enfrentar um desafio adicional: envolver-se na tomada de consciência da internet como instrumento de expressão do pensamento e do conhecimento. Aguardamos que, num futuro próximo, a diversidade de textos possa ser acessível democraticamente, enriquecendo e cativando um número maior de leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *O livro, a literatura e o computador*. São Paulo: Educ; Florianópolis: UFSC, 2002.

BEIGUELMAN, Giselle. *O livro depois do livro*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. (Orgs.). *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Ática, 1999.

CARVALHO, Wellington Machado de. Ciberliteratura. *Revista Poros*, 12-2010. Disponível em:
<<https://revistaporos.wordpress.com/2010/09/12/ciberliteratura>>. Acesso em: 15-10-2017.

CHARTIER, Roger. Do códice ao monitor: a trajetória do escrito. *Estudos Avançados*, vol. 8, n. 21, p. 185-199, 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/12.pdf>>. Acesso em: 20-10-2017.

_____. *A aventura do livro do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. Trad.: Reginaldo Carmello Corrêa de Noraes. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

_____. *Os desafios da escrita*. Trad.: Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Trad.: Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ISER, Wolfgang. *L'acte de lecture: théorie de l'effet esthétique*. Trad.: Evelyne Szycer. Paris: Pierre Mardaga, 1976.

LEÃO, Lúcia. *O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.

_____. *Cibercultura*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005.

MALLARMÉ, Stéphane. *Oeuvres complètes*, Paris: Gallimard, 1945.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad.: Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

MANUEL, Castells. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007a.

NEGROPONTE, Nicholas. *Vida digital*. Trad.: Sérgio Tellaroli. Supervisão técnica de Ricardo Rangel. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

NUNES, Cláudio Omar Iahnke. *Leitura na Idade Média: a ruptura com a oralidade*. Rio Grande: Biblos, 2007. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=10958>>. Acesso em: 04-04-2017.

POSSENTI, Sirio. Notas um pouco céticas sobre o hipertexto e construção de sentido. In: _____. *Os limites do discurso: ensaio sobre discurso sujeito*. Curitiba: Criar, 2009, p. 167-184.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imerso*. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim do leitor?* São Paulo: SENAC, 2001.